

Forestis

A black and white photograph of oak leaves and acorns. The leaves are in various stages of development, some showing lobed shapes. The acorns are clustered together. The background is a soft-focus forest scene with sunlight filtering through the trees.

A *Forestis* concorreu ao programa RECITE

Juntamente com as regiões francesas de Aquitânia, Poitou-Charentes, espanholas do País Basco e Navarra, portuguesas do Norte e Centro, e com várias Associações Florestais desses países, a *Forestis* concorreu para o projecto «Eurosilvasur» que, se for aprovado, permitirá dar um seguimento ao programa Compostela-Florestas no qual participamos. Esperamos que desta colaboração inter-regional saiam reforçados os laços com os nossos parceiros da floresta do Sul de Europa e possamos experimentar soluções para alguns dos problemas que afectam a floresta da nossa região.

Feira

No próximo mês de Setembro realiza-se em Ourense o Salão Florestal Galaico-Português, com a colaboração da *Forestis*. Para mais informações, contacte-nos.

Jornada técnica sobre fogos florestais

Participe na 1ª Jornada técnica organizada pela Associação Florestal do Lima, em colaboração com a *Forestis*, dia 4 de Julho às 15h30 no Auditório da Câmara Municipal de Ponte de Lima.

SUMÁRIO

Editorial	3
Série Economia Florestal	4
Vida da <i>Forestis</i>	6
Vida das Associações Florestais Locais	10
Ficha Técnica	14

FICHA TÉCNICA

BOLETIM TRIMESTRAL DA *Forestis* – ASSOCIAÇÃO FLORESTAL DO NORTE E CENTRO DE PORTUGAL
Nº 5

EDITADO POR: *Forestis* – AFNCP;

INSTITUTO DE BIOLOGIA MOLECULAR E CELULAR DA UNIV. DO PORTO, R. DO CAMPO ALEGRE, 823,
4150 PORTO – TELF: 02 6006129 • FAX: 02 6090156 • EMAIL: forestis@mall.telepac.pt

EXECUÇÃO GRÁFICA: RAINHO & NEVES, LDA. – SANTA MARIA DA FEIRA

COMITÉ DE REDACÇÃO: EQUIPA TÉCNICA DA *Forestis*

NESTE NÚMERO COLABORARAM: ADELAIDE JESUS VIEIRA DA FONSECA, AFONSO MARIA DE CASTRO,
AMÉRICO MENDES, CAROLINE DOMINGUEZ, HELENA RAMOS, JOSÉ AUGUSTO MARTINS, MARGARIDA
BARBOSA, MARIA MOTA, MARISA MARTINS, NICOLE-DEVY-VARETA, SONIA FERREIRA

EDITORIAL

Lei de Bases e Desenvolvimento Sustentável

Forestis

Em Agosto do ano passado, quase «às escondidas» e após largos anos de expectativa, era publicada a **Lei de Bases da Política Florestal**. Como convém a qualquer legislação necessitando de uma posterior regulamentação, que se encontra actualmente em preparação desde há vários meses, o articulado é conciso – apenas 24 artigos – e relativamente límpido quanto à apresentação do principal alvo do decreto. Trata-se, nem mais nem menos, da definição global dos princípios, medidas e instrumentos da política florestal do país, constituindo estes três objectivos os sucessivos capítulos sobre os quais se vão delineando os artigos da lei. Seguem-se algumas observações sobre os princípios que, à escala do longo prazo, fundamentam a política florestal nacional.

Não é por estar na moda, nem por qualquer descuido na repetição de algumas ideias, que a lei insiste tanto no **desenvolvimento sustentável** da floresta. Aparece directamente referido, cinco vezes, nos quatro primeiros artigos reservados à definição dos princípios. A valorização da sustentabilidade da floresta é realmente uma preocupação essencial sobre a qual assenta a Lei de Bases. Mas como entender aqui o conceito de sustentabilidade aplicado à política florestal? Não será neste sentido reducionista – mais ambientalista – em que é geralmente difundida na opinião pública a ideia de desenvolvimento sustentável. Nem se pode restringir apenas à noção de defesa, gestão e produção sustentada de bens materiais e comerciais, tradicionalmente usada no âmbito da silvicultura e do ordenamento florestal. É no sentido mais abrangente de conciliação entre eficiência económica, equidade social, qualidade ambiental e participação activa dos cidadãos nas orientações do desenvolvimento e ordenamento do território nacional. E não há dúvidas de que a floresta é um dos poucos recursos renováveis que tem, neste âmbito, mais futuro no país.

À escala mundial, recorde-se o **longo caminho** percorrido desde a década de 1970, até chegar à famosa Declaração de Tóquio de 1987, onde a Comissão Mundial para o Ambiente e Desenvolvimento (1984-1987) encerra os seus trabalhos, talvez mais conhecida por «Relatório Brundtland». Em oito pontos são então definidos os grandes princípios do desenvolvimento sustentável. Mais tarde, houve a Conferência do Rio de Janeiro (1992) e a Declaração de Princípios sobre Florestas, lembrada aqui no artigo 1.º. Entretanto, tinha-se iniciado em Estrasburgo (1990), com a presença de Portugal, a realização das Conferências para a protecção das Florestas na Europa (a segunda ocorreu em Helsinkia [1993], a próxima realizar-se-á em Lisboa no próximo ano). A Convenção das NU de combate à desertificação (1994) é outro documento em que o país participa directamente. Ainda há poucos meses Portugal assinou com Espanha o documento IBISUS sobre a questão da gestão da floresta para fins comerciais e de eco-certificação.

Apesar das polémicas surgidas em torno de assuntos ambientais e económicos ligados aos recursos florestais, há um movimento imparável para uma nova visão do desenvolvimento, global e florestal, daí a necessária re-avaliação das políticas nacionais. É certamente um processo moroso, mas sobretudo muito exigente, baseado em «novas dimensões de pluralismo», numa **nova ética** política, social e económica. O ordenamento e desenvolvimento da floresta e sua interacção com os interesses de toda a fileira florestal exigem hoje em dia um grande empenhamento, tanto pessoal como colectivo, dos principais intervenientes públicos, privados e associativos. Este empenhamento leva necessariamente a acções de colaboração estreita entre intervenientes para projectos estratégicos, tal como as **acções de parceria**.

Não pode haver **desenvolvimento sustentável**, isto é – não receamos repeti-lo –, articulação entre eficiência económica, equidade social e qualidade ambiental, sem participação activa dos cidadãos. A Lei de Bases põe em relevo a «concertação», a «responsabilização social» e a «participação» (artigo 3.º) como princípios orientadores desta conciliação, pois já se acabaram os tempos do Estado-Providência, como os do individualismo ou absentismo de qualquer pessoa, grupo social ou ainda económico-industrial.

Está em construção um novo modelo, onde se revela fundamental a participação activa de qualquer entidade à escala nacional. As Associações florestais locais e a *Forestis* apostaram neste novo modelo, dinamizando a gestão e o ordenamento florestal a montante da fileira e garantindo, pelas vias do associativismo dos proprietários, a promoção do **desenvolvimento sustentável da floresta**.

SÉRIE: ECONOMIA FLORESTAL

Balanço oferta-procura de madeira de pinheiro bravo⁽¹⁾

Os principais utilizadores directos da madeira de pinheiro bravo são a indústria de pasta de papel (cerca de 20 %) e as serrações (cerca de 70 % da procura) cujos desperdícios alimentam depois a indústria dos painéis de madeira.

A partir de meados da década de 80 tem-se vindo a registar um **saldo negativo entre o acréscimo anual líquido (oferta potencial) e o volume dos abates** de pinheiro bravo. As estimativas que apresentamos no quadro junto apontam para um saldo negativo que deve ter ultrapassado 1 milhão de m³ no início da década de 90, mas que está a diminuir a partir de então devido à redução do consumo por parte das serrações.

Este deficit resulta da conjugação dos seguintes factores:

- tem havido um crescimento na capacidade de produção das grandes indústrias consumidoras de pinho principalmente na dos painéis de madeira, tendo este crescimento sido mais rápido do que os investimentos em arborização e em melhoria da gestão das áreas já florestadas;
- a área de pinheiro bravo tem sofrido uma redução nos últimos anos em resultado dos

incêndios florestais que foram devastadores para o pinhal especialmente a partir de meados da década de 80, destruindo nalguns casos a regeneração natural, daqui resultando uma diminuição da área útil de pinheiro bravo que de 1.253.300 ha em 1985 passou para 844.200 ha em 1992 (menos 409.100 ha);

- algumas das áreas de pinhal destruídas têm sido reconvertidas para outras espécies, nomeadamente o eucalipto, ou afectadas a utilizações urbanas.

Relativamente aos balanços aqui apresentados relativos a partir do final dos anos 80 há que referir que se trata de exercícios baseados em informação muito precária, uma vez que a informação de base necessária à elaboração destes balanços se degradou muito desde que foi extinto o Instituto dos Produtos Florestais em 1988 e desde que o INE procedeu a alterações nas suas Estatísticas Industriais deixando de publicar dados sobre os volumes produzidos e consumidos de produtos florestais. Trata-se, pois, de **insuficiências de informação estatística que precisam de ser corrigidas uma vez**

Previsões de produção média anual de pinheiro bravo nos povoamentos puros e mistos inventariados em 1992 (1000 m³)

PERÍODOS	FINAIS	CULTURAIS	JARDINADOS	TOTAL
1992/2001	2 312,8	1 380,3	1 507,1	5 200,2
2002/2011	3 520,3	1 033,5	1 507,1	6 060,9
2012/2021	2 579,4	749,3	1 507,1	4 835,8
2022/2031	1 288,8	1 272,8	1 507,1	4 068,7
2032/2041	2 855,7	1 168,2	1 507,1	5 531,0

¹ Extrato da minha contribuição para o trabalho do CESE intitulado *O sector florestal português*, 1996.

Balanço oferta/procura da rolaria de pinheiro bravo (100 m³ c/c)

ANOS	1975	1976	1977	1978	1979	1980	1981	1982	1983	1984	1985	1986
Oferta potencial	6 852,7	6 852,7	6 852,7	6 852,7	7 164,4	7 164,4	7 164,4	7 079,6	6 950,0	6 820,4	6 690,8	6 561,2
Abates	5 017,8	4 877,8	6 014,1	6 135,4	6 279,1	6 480,7	6 259,9	5 768,3	5 513,8	6 409,0	6 745,5	6 168,0
Procura Interna	4 944,3	4 806,6	5 928,0	5 989,2	6 045,4	6 324,4	6 124,9	5 701,8	5 471,1	6 364,7	6 712,0	6 144,9
- Ind. pasta de papel	1 181,4	1 042,9	982,9	964,3	810,0	875,7	914,3	876,0	744,0	1 071,0	1 104,0	777,0
- Ind. aglomerados	259,7	399,0	390,4	357,0	457,1	531,5	572,1	544,3	470,3	535,4	573,8	794,7
- Ind. contraplacados	1,4	41,4	7,1	7,1	17,1	37,1	41,4	34,3	31,4	45,7	27,1	52,9
- Ind. mobiliário	34,0	22,4	55,0	47,4	37,8	66,0	56,2	33,3	54,1	53,1	83,7	72,4
- Ind. serração	3 371,4	3 192,9	4 365,7	4 457,1	4 538,6	4 652,9	4 425,7	4 057,1	4 042,9	4 534,3	4 787,1	5 055,7
- Ind. carpintaria	96,4	108,0	126,9	156,3	184,8	161,2	115,2	156,8	128,4	125,2	136,3	169,2
Exportação	73,5	71,2	86,1	146,2	233,7	156,3	135,0	66,5	42,7	44,3	33,5	23,1
Saldo (Oferta-abates)	1 834,9	1 974,9	838,6	717,3	885,3	683,7	904,5	1 311,3	1 436,2	411,4	-54,7	393,2

ANOS	1987	1988	1989	1990	1991	1992	1993
Oferta potencial	6 432	6 302	6 172	6 043	5 913	5 783	5 654
Abates	6 241	6 495	6 610	6 833	6 960	6 299	5 458
Procura Interna	6 241	6 495	6 590	6 813	6 916	6 174	5 378
- Ind. Serração	5 143	5 300	5 419	5 706	5 563	4 703	4 240
- Ind. pasta de papel	731	803	730	671	932	1 057	730
- Outras madeiras industriais	182	207	256	251	236	229	223
- Madeiras p/ fins energéticos	185	185	185	185	185	185	185
Exportação	0	0	20	20	44	125	80
Saldo (oferta-abates)	191	-193	-438	-790	-1 047	-516	196

que estes balanços são importantes para analisar o grau de sustentabilidade da gestão dos nossos recursos florestais.

Com base nos dados do Inventário Florestal de 1992 e admitindo que o potencial produtivo do pinheiro bravo era o que decorria dos recursos inventariados nessa data, a DGF fez projecções de produção de material lenhoso desta espécie para uma revolução de 50 anos que mostram que neste horizonte **irão persistir os problemas de carência de oferta interna** para abastecer as nossas indústrias utilizadoras de pinho.

Estas indústrias estão, pois, numa encruzilhada difícil, tendo que escolher entre as seguintes alternativas a curto e médio prazo:

- intensificar a extracção de madeira face ao déficite de oferta potencial seria pôr em causa a gestão sustentável do recurso;
- limitar-se apenas à oferta interna potencial de madeira inflacionaria os preços desta

materia prima levando algumas empresas à falência;

- investir no aumento da oferta interna de madeira obrigaria as empresas a envolver-se directamente na arborização e na gestão florestal.

A curto e médio prazo há, pois, só mais duas vias para as indústrias utilizadoras de pinheiro bravo:

- o recurso às **importações**, como já aconteceu de modo significativo em 1994 (257000 m³ c/c) e 1995;
- a **deslocação de capacidade industrial** das grandes empresas do sector para países com maiores disponibilidades de material lenhoso como está a fazer a SONAE no Brasil e no Zimbábue.

VIDA DA *Forestis*

Forte concorrência para a Jornada sobre o associativismo florestal no Norte organizada pela *Forestis* demonstra a importância do associativismo nessa região.

Com a presença de mais de 80 pessoas, decorreu no passado dia 15 de Março, nas instalações da *Forestis*, uma sessão de reflexão sobre o associativismo florestal e sua evolução no Noroeste e Centro do país. Das exposições dos responsáveis das Associações Florestais e dos seus técnicos, depreendeu-se a importância do trabalho já desenvolvido no terreno junto dos proprietários dessas zonas destacando: a extensão florestal, à qual a maioria dos proprietários não tinha acesso, a elaboração de projectos florestais para individuais e agrupamentos, informação, formação, assistência técnica, etc... Apesar dessa grande actividade demonstrada em pouco tempo, foram no entanto indicadas grandes dificuldades para se poder continuar o trabalho começado com muito esforço: a vigência inadequada dos programas de financiamento ao funcionamento das Associações Florestais, que não se ajusta aos prazos florestais, falta de eficiência das instituições públicas ligadas ao Sector Florestal, falta de meios logísticos, ausência de investigação concreta para a realidade da silvicultura do Norte e Centro e a sua consequente divulgação e falta duma política adaptada à realidade social e fundiária da região do minifúndio do Norte e Centro. A *Forestis*, além de apresentar também as suas actividades, principalmente de fomento do associativismo e de elaboração da Carta de Aptidão Florestal para o Norte, teve a oportunidade de mostrar a primeira carta de aptidão (zona do Alto Minho) e de descrever as suas potencialidades.

A *Forestis* realçou ainda os seus esforços para se tornar numa união de associações (o que aliás foi concluído na Assembleia extraordinária do dia 21 de Março). Sublinhou-se, no entanto, a neces-

sidade de as funções exercidas pelo movimento associativo serem consideradas pelas entidades públicas e em parte comparticipadas por elas.

As entidades oficiais convidadas também se pronunciaram, nomeadamente, o Director Geral de Desenvolvimento Rural, o Director Regional do IFADAP, o Director Regional do Planeamento e do Desenvolvimento (CCRN), o gestor do programa PRONORTE e o representante da CNEFF. A finalizar interveio o Eng^o Branco Vasco, na dupla condição de Director Geral das Florestas e de representante do Ministro da Agricultura, do Desenvolvimento Rural e das Pescas.

Mais uma vez, saiu reforçada a ideia de que o associativismo, especialmente na região Norte, é a única forma de conseguir unidades de gestão que permitam obter mais rendimento sem esquecer os objectivos de biodiversidade e sustentabilidade que se põem à floresta nos dias de hoje. De tal maneira que a própria Direcção de Desenvolvimento Rural se comprometeu publicamente a apoiar de maneira concreta este movimento associativo.

A seguir ao almoço de confraternização, deslocaram-se os participantes para uma zona de Póvoa de Varzim (freguesia de Rates) dando um novo impulso a Associação Florestal do Grande Porto em fase de constituição. Aí foi mostrado o processo de agrupamento de numerosas explorações florestais, dispersas e de dimensões reduzidas, tendo-se sublinhado as dificuldades deriva-



Jornada sobre o associativismo florestal - 15/3/97.

das das exigências administrativas, além daquelas que se prendem ao contexto sociológico e cultural dos proprietários (falta de hábito de investir na floresta, desconfiança perante os técnicos...).

Nesta Jornada altamente instrutiva e construtiva, a *Forestis* e as Associações a ela ligadas, mais uma vez demonstraram a sua capacidade de mobilizar os proprietários da região Norte e Centro, pondo em evidência um trabalho esforçado, com bases sólidas no terreno, competente e de futuro, que convém a tudo custo, não desperdiçar.

Associativismo: desafio para uma floresta com futuro, Colóquio realizado pela *Forestis* em comemoração do dia mundial da floresta

No dia 21 de Março, no auditório do Centro de Citologia, a *Forestis* organizou um colóquio sobre: «Associativismo: desafio para uma floresta com futuro», com o patrocínio da Ordem dos Engenheiros.

O colóquio foi presidido pelo Arq^o Vasco Cameira, Vice-Presidente da Comissão de Coordenação da Região Norte, e na mesa esteve ainda presente o Eng^o José Manuel Sousa Pinto, Presidente da Região Norte da Ordem dos Engenheiros, assim como os oradores: José Moreira da Silva, Presidente da *Forestis*, Miguel Perez Turrado, Presidente Honorário da «Associacion Forestal de Viscaya», e Marc Gizard, conselheiro jurídico e fiscal do «Syndicat de Sylviculteurs du Sud-Ouest» – França.

Perante um público de técnicos, proprietários e demais pessoas envolvidas no movimento florestal, o Eng^o José Moreira da Silva fez um pequeno historial do movimento associativo no Norte e Centro e das estratégias em relação à Floresta Mediterrânica. Abordou ainda o tema da política europeia e da forma como ela poderá ou não servir os interesses dos proprietários do Norte e Centro. A seguir, o Eng^o Miguel Perez Turrado apresentou o movimento associativo em Espanha e alertou sobre o perigo que a floresta Ibérica e Mediterrânica representa para os países nórdicos. No fim, o Dr. Marc Gizard deu a conhecer o sistema associativo da Aquitânia (França), e francês. Divulgou ainda o modo de funcionamento do Fundo Florestal Francês.

Audiência com o Ministro da Agricultura, do Desenvolvimento Rural e das Pescas

No passado dia 15 de Maio, a *Forestis* foi recebida pelo Ministro de Agricultura, do Desenvolvimento Rural e das Pescas, com a presença do Director Geral das Florestas. O Presidente, a Secretária e a Coordenadora da *Forestis* levaram uma série de assuntos à consideração do Sr. Ministro, e em particular problemas relativos ao desenvolvimento do trabalho das Associações Florestais desta região: indefinição das regras relativas aos agrupamentos e inadequação do programa PROAGRI ao financiamento de Associações Florestais. Também foi referido o interesse que a *Forestis* tem em participar nos grupos de trabalho sobre a regulamentação da Lei de Bases sobre a política Florestal.

Por fim, apresentou-se uma proposta de convénio de cooperação entre o Ministério e a *Forestis*. O Ministro mostrou-se muito receptivo às propostas e comprometeu-se a concretizá-las, no mais curto espaço de tempo possível.

A *Forestis*, uma federação desde o dia 21 de Março de 1997

A *Forestis* teve Assembleia Geral Ordinária no dia 21 de Março, na qual foram aprovados o relatório de actividades e de contas, assim como o Plano de actividades para 1997.

A seguir, realizou-se uma Assembleia Geral Extraordinária em que foi aprovada uma mudança dos estatutos da *Forestis* no sentido desta Associação se tornar uma **Associação de Associações**.

Com esta mudança de estatutos, foi dada resposta à necessidade das Associações Florestais Locais de serem representadas com mais força junto do poder público.

Concluiu-se assim com êxito um processo em que participaram tanto as Direcções das Associações como o grupo de trabalho nomeado por elas para estudar e propor um projecto de estatutos. Aproveitamos para agradecer todas as pessoas que neste processo participaram ao permitirem que, com a preocupação dum funcionamento o mais consensual possível, respeitando as diferenças, este movimento associativo tenha entrado numa nova etapa.

Homenagem ao Eng^o José Moreira da Silva

No passado mês de Abril a Ordem dos Engenheiros homenageou o engenheiro Silvicultor José Moreira da Silva, actual presidente da *Forestis*, pela sua longa e frutuosa carreira no campo da silvicultura. Após um participado colóquio sobre prevenção de fogos florestais, seguiu-se um jantar a que ocorreram numerosas pessoas que ao longo de vários anos têm colaborado nas actividades desenvolvidas pelo Eng^o Moreira da Silva.

A participação da *Forestis* nos *fora* de Agricultura

A *Forestis* e as Associações Florestais Locais têm acompanhado de perto, com propostas e contribuições concretas, os *Fora* (regionais e nacional) de Agricultura, com o objectivo de que sejam ouvidas a nível do governo, as especificidades desta região em termos florestais. Esperamos agora, com muita ansiedade, que as promessas se tornem realidade.

A *Forestis* na AGRO'97

Mais uma vez, a presença da *Forestis* com um stand animado pelo conjunto dos técnicos das Associações Florestais Locais permitiu ir ao encontro de produtores florestais e outras entidades, interessadas no associativismo e na problemática florestal. Esperamos que os contactos estabelecidos venham a dar os seus frutos, com a criação de novas Associações Locais em zonas onde ainda não existem, e com uma divulgação maior deste movimento associativo.

A *Forestis* promoveu uma reunião sobre associativismo

Aproveitando as reuniões mensais dos técnicos do movimento associativo ligado à *Forestis*, decidiu-se convidar o Eng^o Hernani Mourão da Direcção Geral de Desenvolviemnto Rural, para refletir em conjunto sobre problemas ligados ao associativismo florestal.

A sessão foi muito profícua, nomeadamente ao se fazer a comparação com casos provenientes do meio agrícola e refletir sobre as formas jurídicas mais adaptadas para contemplar núcleos ou agrupamentos. Contudo, o problema é vasto e as especificidades florestais exigem que continuemos a aprofundar a questão. Desde já agradecemos a contribuição do Eng^o Hernani Mourão e da Direcção Geral de Desenvolvimento Rural.

Formação para proprietários das Associações Florestais do Ave e do Vale do Minho

Mais uma vez, a *Forestis* organizou conjuntamente com as Associações Florestais do Ave e do Minho um curso de formação para proprietários, de «Associativismo, Gestão e Defesa Florestal...». Como disse o Eng^o Moreira da Silva, na sessão de encerramento do curso «estes formandos serão os futuros formadores que vão espalhar o que aprenderam, junto de outras pessoas, fazendo que este movimento se expanda como uma mancha de azeite».

Aqui ficam alguns depoimentos de formandos que assistiram ao curso:

Forestis



Benéficos ventos, fizeram saber da realização do Curso para a Associação de Produtores Florestais do Ave, organizado pela **Forestis** e concretizado em S. Torcato de 27/02 a 17/04 de 1997.

A notícia alegrou, motivou, mexeu. Mas afinal nem tudo está perdido! havia «Gente».

Eu não tinha hectares de mata, todavia à minha volta havia tantos! Tanta extensão fustigada sempre pelos malditos incêndios ateados por vias criminosas e estupidez de «gente boa» que na passagem em passeio ou negócios negros, despejam o pior lixo, não importando onde e com que consequências. E as gentes dormentes não reagem.

Increvi-me para o curso e fui aceite. Bendita hora. Vivi-o com um grande entusiasmo. Aprendi muito. Voltei acreditar que é possível rentabilizar, alindar, aproveitar as potencialidades deste País de que ainda gosto.

Quando se encontram pessoas como foi o caso, que vivem, que sentem, que comunicam, com entusiasmo, verdade, é de acreditar:

Bem hajam: organização, coordenação e formadores. Revelaram capacidades que excederam as minhas expectativas. Competência, espírito crítico, não acomodação, e vontade de contagiar todos os participantes foram uma constante. Tudo isto, e o muito mais que fica por dizer, me alegrou, marcou e me fez acreditar que ainda há possibilidades de legar aos nossos netos um país limpo, verde, rentável, saudável.

Para o grupo em geral vai o meu apreço, a minha admiração, a minha simpatia.

Aos formandos, em particular, quero dizer que foi lindo de ver e sentir a sua camaradagem, a alegria, o interesse, a participação, ainda que por vezes anarca.

Obrigada a todos e votos de que prevaleça sempre a verdade e a pureza de intenções, que seja constante e crescente a compreensão por parte das entidades competentes, viabilizando a concretização de sonhos de muitos em benefício de tudo e de todos.

Mª Mota (Portela de Senela – Vila Verde)

Pode considerar-se que foi um curso muito intensivo, mas a forma como tudo estava organizado e se ia desenvolvendo era envolvente e não deu razão a nenhuma desistência.

Tudo foi preparado metódica e meticulosamente pela organização e coordenação.

As escolhas dos formadores foram criteriosas e recaíram em pessoas competentes, conhecedoras da matéria e interessadas na transmissão dos seus profundos conhecimentos.

As visitas de estudo foram profícuas, apoiadas em técnicos de qualidade, não se poupando a esforços e cansaços para demonstrar no terreno o bom e o mau das experiências feitas.

Foi a primeira vez que participei num curso desta natureza e confesso que fiquei sensibilizado para esta problemática.

Adquiri conhecimento que não imaginava poder adquirir e fiquei motivada e com apetência para pôr em prática, no meio em que me encontro inserida, todos os conhecimentos adquiridos e com vontade de mais.

Bem haja que nesta causa nobre e maldito seja quem tenta destruir tudo quanto é vida e beleza.

Adelaide de Jesus Vieira da Fonseca

Divagando...

Ouve meu filho: cheio de carinho

Ama as árvores, ama. E se puderes,

– E poderás: tu podes quanto queres –

Vai-as plantando à beira do caminho...

Vem este preâmbulo na sequência do que penso da floresta, mas sobre tudo da sua defesa.

O ano passado – em boa hora aconteceu – fiz-me sócio da **Forestis**. E, como primeira acção, participei numa viagem de estudo da floresta francesa e espanhola nas belíssimas regiões de Bordéus, País Basco francês e espanhol, Astúrias e Galiza.

Sem me querer demorar em muitas mais considerações acerca do ordenamento florestal, da gestão da mesma, das potencialidades bem aproveitadas das várias regiões, das associações bem sucedidas, da desburocratização dos processos florestais, este ano, tive o privilégio de participar no Curso de Associativismo, Gestão e Defesa Florestal que decorreu de 27 a em S. Torcato/Guimarães, sob os auspícios da **Forestis** e coordenado e dirigido pela Engª Zulmira Campelo e o Engº José Moreira da Silva.

Antes de mais e sem favor, quero dar a estes dois senhores os meus parabéns pois que o Curso decorreu muito bem e foi superiormente ministrado por todos os formadores a quem deixo um «muito obrigado» pela competência que revelaram nas matérias programadas dos Módulos do referido Curso.

Falar de cada tema, mesmo suscintamente, seria demasiado longo. Não posso, no entanto, deixar de realçar o entusiasmo que cada um pôs no seu tema, a abundante documentação com que exemplificaram.

Ainda desejo enaltecer, o acolhimento fraterno e simpático de «nuestros hermanos», as experiências positivas mas já com resultados concretos bem à vista, outras em estudo, levando a crer que num futuro próximo darão resultados também positivos.

Pelo resumo que apresento concluí que em Floresta não se pode parar pois que os seus bons resultados dependem dum estudo constante das espécies a utilizar em cada região, da sua textura, do clima, das pragas, da fisiologia...

A finalizar este retrato não vou nunca esquecer o carinho que os maravilhosos minhotos me ofereceram.

Bem hajam.

Afonso Maria de Castro

VIDA DAS ASSOCIAÇÕES FLORESTAIS LOCAIS

Assembleia Geral da Associação Florestal do Vale do Sousa

No passado dia 17 de Maio teve lugar a Assembleia Geral da Associação Florestal do Vale do Sousa onde, para além da apreciação do Relatório e Contas do ano de 1996, foi discutida a adesão à *Forestis* e se procedeu à eleição dos corpos sociais para o triénio 1997/2000.

A adesão à *Forestis* foi decidida por unanimidade e quanto à eleição dos corpos sociais candidatou-se apenas uma lista com a seguinte constituição:

Mesa da Assembleia Geral

- **Presidente:** Prof. Dr. Rui Graça Feijó
- **Vice-presidente:** Eng.º António Gil Machado Guedes
- **Secretária:** Dra. Marília Laura dos Santos Moreira e Silva
- **Suplente:** Arq.º Manuel Furtado de Mendonça

Direcção

- **Presidente:** Prof. Dr. Américo Manuel dos Santos Carvalho Mendes
- **Vice-presidente:** Associação de Municípios do Vale do Sousa representada pela Dra. Fátima Felgueiras, Presidente da Câmara Municipal de Felgueiras
- **Secretária:** Dra. Maria Irene Mendes Moreira
- **Tesoureiro:** Dr. Mário de Sousa Vales
- **Vogal:** António Cardoso Gomes
- **1.º Suplente:** Eng.º Fernando dos Santos Silva
- **2.º Suplente:** Maria Balbina Soares de Melo Rocha

Conselho Fiscal

- **Presidente:** Eng.º Belarmino Conceição da Silveira
- **Relator:** Eng.º António José de Castro Couto dos Reis
- **Secretário:** Agrupamento de Produtores Florestais de Lagares (Penafiel) representado por Adriano Barbosa Pereira
- **Suplente:** Eng.º Alexandre Forbes Costa Corte Real

Do programa de acção da lista eleita que tem como lema «**Por um desenvolvimento sustentável da Associação**» destacam-se os seguintes pontos:

- **melhorar o tipo de serviços actualmente prestados aos associados** nomeadamente no que se refere ao acompanhamento dos projectos por parte do novo técnico a admitir

pela Associação e na prestação de informações;

- **melhorar a organização interna da associação** assegurando o funcionamento regular e colegial dos seus órgãos sociais e tornando mais eficiente a sua organização administrativa e financeira;
- **fomentar a participação dos associados** nomeadamente através da realização de reuniões de Direcção nos vários concelhos cobertos pela Associação acompanhadas de reuniões com os associados da zona;
- **planear e organizar o desenvolvimento sustentável da associação** nomeadamente através dum estudo de ordenamento florestal que permita identificar as zonas com mais potencialidades florestais e dum estudo de viabilidade técnica e económica sobre o desenvolvimento dos tipos de serviços actualmente prestados pela associação e de novos serviços (avaliação de matas, prevenção contra incêndios, etc.), tendo presente a necessidade de continuar a aumentar o número de associados, a quantidade e qualidade dos serviços prestados e a capacidade de auto-financiamento da associação;
- **fomentar a cooperação entre a associação e outras instituições relevantes para o sector florestal** (*Forestis*, outras associações florestais locais, Direcção Regional da Agricultura, DGF e outros serviços do Ministério da Agricultura, IFADAP, CCRN, Autarquias Locais, CEEFs e CNEFF, corporações de bombeiros, empresas e associações empresariais das indústrias de madeira, mobiliário e papel, estabelecimentos de ensino e de investigação florestal, cooperativas e outras organizações agrícolas, etc.);
- **sensibilizar a população para a importância do sector florestal** nomeadamente através da produção de colóquios e notícias para os meios de comunicação social e da colabora-

ção com as instituições de ensino básico e secundário e com organizações de juventude em acções de valorização da floresta.

Em nome da lista eleita quero expressar os meus agradecimentos a todos quantos contribuíram para a criação e o crescimento da Associação nomeadamente a *Forestis*, a CCRN, os serviços do Ministério da Agricultura e os anteriores corpos sociais bem como aos que até agora mais directamente tem prestado serviços à

associação, nomeadamente o Eng^o Cabral Machado, a D. Fernanda e a TIMBEX. Pela nossa parte esforçar-nos-emos por consolidar tudo o que de positivo tiver sido feito e procuraremos, com ajuda de todos, ir melhorando gradualmente o que não estiver bem, tornando a Associação mais forte, mais activa e mais participada pelos associados.

Américo M. S. Carvalho Mendes

Forestis

Associação dos Produtores Florestais do Vale do Minho

Comemoração do 1^o aniversário

Foi com enorme satisfação que a Associação de Produtores Florestais do Vale do Minho comemorou o seu 1.^o aniversário, com a organização de um colóquio sobre o Associativismo Florestal e a realização de um almoço-convívio.

Na cerimónia estiveram presentes várias instituições ligadas ao sector florestal, bem como muitos dos nossos associados. É de destacar as presenças do Dr. António Cêa – Director Regional de Agricultura de Entre Douro e Minho, Eng.^o Moreira da Silva – Presidente da *Forestis*, Eng.^o Rui Monteiro – em representação da CCRN, Eng.^o António Poças – em representação do IFADAP, representantes das Câmaras Municipais do Vale do Minho, Eng.^o Gigante – Presidente do GAT Vale do Minho, Eng.^o Laura Maria – Zona Florestal do Vale do Minho, representantes da Associação de Municípios do Vale do Minho e ADRIMinho.

O colóquio foi extremamente interessante tendo contado com as exposições do Sr. Manuel Guardão – Presidente da APFVM, sobre a experiência de associativismo florestal no Vale do Minho e a excelente exposição do grande pioneiro do associativismo florestal na zona de minifúndio – Eng. Moreira da Silva – Presidente da *Forestis*. A sessão de encerra-

mento ficou a cargo do Dr. António Cêa – Director Regional de Agricultura, que se mostrou muito satisfeito com os passos que se estão a dar para o desenvolvimento do associativismo florestal.

Com a realização deste evento cumprimos o nosso primeiro ano de actividade, trabalhando sobretudo na formação e informação dos proprietários florestais. Julgamos estar a trabalhar bem pelo que esperamos que os proprietários florestais do Vale do Minho rapidamente se apercebam das vantagens e se juntem a nós.

Margarida Barbosa



Presença na feira de Melgaço – Ambiente'97

A Associação de Produtores Florestais do Vale do Minho esteve presente na Feira Melgaço Ambiente 97 que decorreu nos dias 23-24 e 25 de Maio e cujo tema foi Reduzir, Reutilizar e Reciclar.

Mais uma vez, cumprindo os seus objectivos de formação e informação, foi com satisfação que a Associação se juntou a este tipo de iniciativas.

Nunca é demais falar e dar a conhecer a Floresta que temos e o modo de a melhorar.

Margarida Barbosa



Associativismo Norte e Centro de Portugal/Galiza

Com os primeiros passos do Associativismo Florestal no Norte e Centro de Portugal, começaram-se a criar relações institucionais com outras Associações Florestais do resto da Europa. Na sequência destas relações, realizou-se no passado dia 09/05/97, em Ponte de Lima uma reunião dos técnicos do Movimento **Forestis** com os técnicos da Associação Florestal da Galiza. O objectivo desta reunião era fazer a análise do estado da floresta nas respectivas regiões e discutir as formas de actuar das Associações.

Constatamos com este encontro, que embora no início, estamos a percorrer o caminho adequado para a implantação dum Associativismo Florestal, tecnicamente capaz nestas regiões. No entanto, muitas são as dificuldades suplementares que temos encontrado, senão vejamos: a Galiza tem uma política florestal, delineada no Plan Forestal de Galicia; Portugal está à espera de definir uma estratégia para a floresta portuguesa; na Galiza a associação é financiada em 70 % através de um contrato programa com a Xunta; em Portugal, as associações têm de se candidatar a programas europeus, carregados de burocracia e com prazos desadequados para a floresta.

Enfim, apesar da nossa proximidade com a Galiza em termos físicos, é um facto indesmentível a nossa distância em termos de desenvolvimento. Este avanço dos Galegos não resulta da utilização de técnicas mais sofisticadas ou coisas que as valham, a grande diferença está no facto de eles terem uma estratégia montada e conseguirem aplicá-la no terreno.

Por exemplo, para fazer um simples projecto 2080 em Portugal, o proprietário necessita de pelo menos sete documentos, na Galiza necessita apenas de assinar uma declaração em como se responsabiliza da veracidade das afirmações contidas no projecto.

Em Portugal o que é que se tem feito pela floresta nos últimos anos?

Apesar de se vislumbrarem algumas mudanças, tem-se feito muito pouco. Continuamos a debater-nos com as leis que muitas vezes não se adequam às realidades regionais, com a diluição dos Serviços Florestais regionais, com o aparecimento tardio do associativismo florestal e essencialmente com o excesso de burocracia da administração pública.

Portugal tem excelentes potencialidades florestais, como foram evidenciados pelo Sr. Michael Porter, no relatório Porter ou pelo

recente estudo do CESE. No entanto, estas potencialidades estão em grande parte desaproveitadas, pela falta de definições estratégicas para o sector, definições estas que passam pela escolha do tipo de floresta que queremos produzir, a que mercados se destina esta floresta, quem presta apoio técnico aos privados, etc. É urgente que os responsáveis deste país definam quem vai fazer o quê, para quê e com que meios.

Estando estas resoluções tomadas, julgamos que o país tem a capacidade técnica necessária para as implantar no terreno, desde que se dê tempo para a sua concretização. É necessário não esquecer, que a floresta é sempre um investimento de longo prazo que não se compadece com calendários eleitorais.

Voltando ao tema inicial desta intervenção, queremos salientar que apesar de os Galegos estarem mais adiantados que nós cerca de 10

anos, até porque começaram mais cedo, tem existido uma excelente colaboração entre o Movimento *Forestis* e a Associação Florestal da Galiza. Esta estreita colaboração tem-nos ajudado a não cometer alguns erros que eles já cometeram, podendo assim abreviar este difícil processo inicial.

No entanto, a nossa conjuntura é bastante diferente da deles pelos motivos evidenciados anteriormente.

Apesar de tudo, parece-nos existir actualmente, alguma abertura das entidades oficiais para estes problemas, bem evidenciadas nos seus discursos públicos: vamos então aproveitar esta oportunidade e tentar definir estratégias que se adequem às várias realidades florestais do país.

José Augusto Martins

CELFOR – Associação de Produtores Florestais

Tratando-se da primeira vez que escrevemos neste boletim, achamos por bem fazer uma pequena apresentação da Associação a que pertencemos e que para muitos é totalmente desconhecida.

A CELFOR-Associação de Produtores Florestais, é uma Associação de âmbito concelhio, sediada em Celorico da Beira, distrito da Guarda, em pleno coração da Beira Interior. Foi fundada por 40 sócios em 1 de Julho de 1994, tendo contudo, adquirido um corpo técnico apenas em Julho de 1995. Desde esta data até hoje viu o seu número de sócios aumentar para 115, o que demonstra a vitalidade da Associação, principalmente se pensarmos na natural relutância das gentes desta Terra em acreditarem no Associativismo.

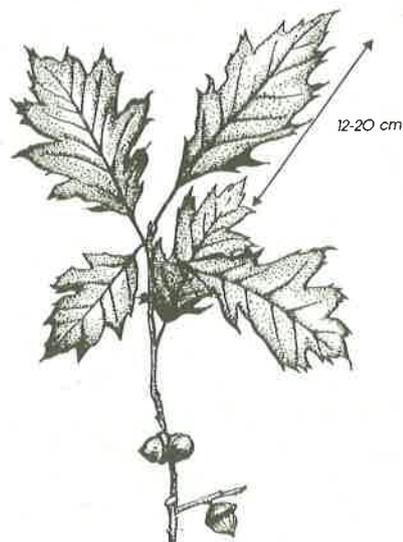
Muito tem feito pela floresta do concelho e pelos seus proprietários; tendo já elaborado inúmeros Projectos Florestais de re/arborização e beneficiação, dos quais 15 já se encontram aprovados, englobando uma área de aproximada-

mente 130 ha e representando um investimento na floresta concelhia de cerca de 27 mil contos. Ao nível da formação realizou já duas acções nas áreas da Gestão e Defesa Florestal, dirigidas a proprietários que obtiveram junto destes bastante êxito. No respeitante à informação e sensibilização muito se tem feito, representando estas algumas das nossa principais linhas de acção. Contudo sempre nos fica a sensação de que tudo ou quase tudo está por fazer nestas áreas, mas sobre isto gostaríamos de escrever numa próxima oportunidade. Assim vamos apenas aqui deixar um apelo ao Associativismo e uma chamada aos proprietários florestais da nossa região para que nos contactem, pois só juntos poderemos fazer mais e melhor pela nossa Floresta.

Marisa R. Martins

Contacte-nos: Edifício da Câmara Municipal de Celorico da Beira ou tel./fax: 071/741307

(*Quercus rubra*, L.)
CARVALHO AMERICANO
Ordem: *Fagales* • Família: *Fagaceae*



MORFOLOGIA

Porte e Longevidade

De crescimento rápido até aos 40 anos, podem atingir 20 a 30 metros de altura. O fuste é curto e direito. Árvore com vasta ramificação. A sua longevidade é menor que a dos carvalhos europeus.



Altitude

Na zona de origem não ultrapassa os 150m de altitude, mas em vários países Europeus ultrapassa os 500m atingindo mesmo os 1000.



CLIMA

Temperatura

Toleram bem o frio e o calor suportando as amplitudes térmicas.

Média anual: entre 4º e 15º na área de distribuição natural.



Geadas

Suporta geadas tardias.



Solo

Prefere solos frescos, ligeiros e profundos, mas cresce bem nos solos ácidos mais pobres excepto os arenosos e margosos. É calcífuga e não tolera o encharcamento.

ECOLOGIA

Área de distribuição

Natural da parte oriental da América do Norte, tem aí uma área de distribuição muito vasta.



Precipitação

Suporta mal a secura.



Luz

Espécie de luz, muito exigente quando adulta. Nos primeiros anos relativamente tolerante ao ensombramento.



Exposição

Na zona de origem prefere as exposições Norte e Este. Prefere as vertentes mais frescas.

SILVICULTURA

Instalação do Povoamento

Regeneração Natural: Muito fácil, favorecida por baixa temperatura no Inverno. A concorrência dos matos diminui o desenvolvimento das sementes. A frutificação ocorre a partir dos 25 anos. Abundante a partir dos 50 anos.

Sementeira: É possível desde que se protejam as sementes contra predadores e esteja assegurada boa disponibilidade em água. 100 a 200 Kg por ha, menos se forem pré germinadas.

Plantação: Deve ter-se o cuidado de deixar 20 cm de raiz ao sair do viveiro. Relação parte aérea/parte radicular menor ou igual a 1. Plantar rapidamente evitando qualquer secagem. Proteger contra predadores (coelhos). Em geral plantam-se em densidades elevadas (mais de 2000 plantas por ha).



Talhadia

Tem rebentação de toça vigorosa, tal como o carvalho roble.



Desramação

Necessidade de desramação artificial desde a juventude pois os troncos têm tendência a bifurcar. Efectuar nas melhores árvores.



Desbastes

Regra geral a partir dos 20 anos, quando as árvores atingem os 9 metros de altura. Manter um espaçamento de cerca de 20% (40% em povoamentos de baixa densidade com plantas de qualidade). Cerca dos 30 a 40 anos, escolher as árvores que ficam até ao fim da revolução (100 a 200 por hectare).



Alto Fuste

Exploração aos 70-80 anos. Nos povoamentos de baixa densidade com plantas seleccionadas pode ser antecipada para os 50 anos.



Sub-bosque

Na zona de origem, além de existir em povoamentos monoespecíficos, também aparece em consociação com outras espécies (*Pinus*, *Fraxinus*, *Tilia*, *Liquidambar* e *Liriodendron*). Ao conduzir em Alto Fuste pode fazer-se acompanhar de espécies fixadoras de azoto (por exemplo o amieiro).



PRAGAS E DOENÇAS

Na área de distribuição natural é muito susceptível à *Lymantria dispar* (desfolhador). Um factor que limita a introdução da espécie é a presença do fungo *Phytophthora cinnamomi* responsável pela **doença da tinta** do carvalho americano. Evitar portanto introduzir carvalho americano onde tenha havido doença da tinta em castanheiro.



UTILIZAÇÕES

Introduzida na Europa como ornamental no final do sec. XVIII. A madeira tem boas características tecnológicas (resistência, elasticidade e dureza) mas falta-lhe durabilidade e o aspecto atractivo do carvalho roble. Em exteriores só se pode usar quando tratada. Usa-se em travessas de caminhos de ferro, caixotaria, marcenaria, mobiliário pesado, parquetaria e folheado. Excelente para queima.

Bibliografia:

- ALEXANDRIAN, D. (1988) *Essences forestières in Guide technique du forestier mediterraneen français*, CEMAGREF
- ALVES, A. (1988) *Técnicas de Produção Florestal*, 2ª Ed. INIA
- FERREIRA, S. (1996) *Contribuição para o estudo da Quercus rubra, L. em povoamentos mistos. Análise de parcelas permanentes no concelho de Arcos de Valdevez*. ISA.

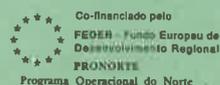
ASSOCIAÇÕES FLORESTAIS LOCAIS

ASSOCIAÇÕES	SEDE
ASSOCIAÇÃO FLORESTAL DO VALE DO SOUSA	Rua Infante D. Henrique, 94 • 4580 Paredes Tel. / Fax: (055) 783 979
CELFLOR	R. Andrade Corvo, Ed. Câm. Mun. • 6360 Celorico da Belra Tel. / Fax: (071) 741 307
ASSOCIAÇÃO FLORESTAL DO LIMA	Antigos Paços do Concelho – Praça. da República 4990 Ponte de Lima Telem.: (0931) 625099 • Fax: (058) 741 418
ASSOCIAÇÃO FLORESTAL DE BASTO	Av. Capitão Elísio de Azevedo, Lt.14, 2º D 4860 Arco de Baulhe Tel. / Fax: (053) 665 309 • Telem.: (0936) 844163
ASSOCIAÇÃO FLORESTAL DO CAVADO	Bº da Andorinha, 33 – Loja 5 • 4700 Braga Tel. / Fax: (053) 218 713 • Telem.: (0931) 764745
ASSOCIAÇÃO DE PRODUTORES FLORESTAIS DO VALE DO MINHO	Largo dos Padrões, Bloco 4, • 4950 Monção Tel. / Fax: (051) 65 40 96 • Telem.: (0936) 773990
ASSOCIAÇÃO FLORESTAL DO AVE	(provisória) Paço de S. Cipriano – Taboadelo • 4800 Guimarães Telem.: (0931) 823098
ASSOCIAÇÃO FLORESTAL DE ENTRE DOURO E TÂMEGA	CooperMarco – Coop. Agrícola do Marco Rua Manuel Pereira Soares • 4630 Marco de Canavezes Tel.: (055) 531 288 • Fax: (055) 534 725
ASSOCIAÇÃO FLORESTAL DO VALE DO DOURO NORTE	(provisória) Ed. da Junta de Freg. de Parada do Pinhão • 5060 Sabrosa Tel. / Fax: (059) 73 934
PORTUCALEA (Associação Florestal do Grande Porto)	(provisória) Rua do Campo Alegre, 823 (IBMC) • 4150 Porto Tel.: (02) 600 61 29 • Fax: (02) 609 01 56



RUA DO CAMPO ALEGRE, 823, 4150 PORTO • TELF: 02 6006129 • FAX: 02 6090156 • EMAIL: forestis@mail.telepac.pt

Entidades que patrocinam a *Forestis*



Instituto Florestal